

J. FERNANDES MASCARENHAS

NOVAS DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NO CONCELHO DE OLHÃO



OLHÃO/1993

J. FERNANDES MASCARENHAS

NOVAS DESCOBERTAS
ARQUEOLÓGICAS
NO CONCELHO DE OLHÃO

Olhão
1993

Separata de «A Voz de Olhão»

Por Terras do Algarve

Ensaio de História e Arqueologia

ALGUMAS PALAVRAS PRÉVIAS

No encontro de Arqueologia do Algarve, promovido pela Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura em 1990, apresentaram comunicações por escrito, que vieram publicadas no Boletim Informativo da referida Delegação, os seguintes investigadores e arqueólogos: Dr.^a Isilda Pires Martins, Dr. Fernando Real, Arq. Mário Varela Gomes, Dr. Caetano Beirão, Dr.^a Maria Luisa Estácio da Veiga Afonso dos Santos, Dr. José Luís Cardoso, Dr. Theodor Hauschild, Dr. José Fernandes Mascarenhas, Dr.^a Helena Catarino, Dr. José Marinho, Dr.^a Rosa Varela Gomes e Prof. António Pinheiro e Rosa.

Como o nosso prezado colaborador, Dr. José Fernandes Mascarenhas, apresentou também uma comunicação nessa douda assembleia, sob o título «Novas descobertas arqueológicas no concelho de Olhão», pedimos vénia para a transcrever no nosso Jornal, acompanhada de documentação fotográfica cedida pelo próprio autor sobre essas descobertas, documentação aliás apresentada em **slides** no referido encontro.

Resolveu ainda o mesmo investigador publicar, em adenda, mais alguns elementos acerca de um ídolo antropomórfico pertencente ao período calcolítico, conhecido pelo ídolo tipo Moncarapacho, designação que há muito transpôs as fronteiras do país.

Com a publicação desta adenda ficam assim reveladas mais algumas minúcias conhecidas sobre essa descoberta, inclusive a sua localização.

A REDACÇÃO

1. NA QUINTA DE MARIM

A Quinta de Marim, situada na freguesia de Quelfes, concelho de Olhão, é uma estação arqueológico-romana que, embora muito danificada pelo homem através dos séculos, devia ser novamente estudada após escavações realizadas com critério científico. Aliás, chegou ao nosso conhecimento que alguma coisa de útil se tem feito neste sentido por iniciativa do Parque da Ria Formosa, que corre a sul da referida Quinta banhando-a. As destruições nela efectuadas não têm tido limites. A área dessa estação é vasta, sinal que a Quinta de Marim devia talvez ter sido mais do que uma simples **villa** romana, antes uma povoação de certa importância. A série de inscrições tumulares de várias famílias é, quanto a nós, argumento de algum peso, embora não se possa afirmar com segurança que Marim foi a **Statio Sacra** do anónimo de Ravena, tomando em devida consideração as judiciosas afirmações do Prof. José Leite de Vasconcellos.

Estácio da Veiga, que teve amplas facilidades para explorar a famosa Quinta da parte do seu proprietário, João Lúcio Pereira, pai do poeta João Lúcio, recolheu monumentos epigráficos e muitos outros achados arqueológicos, designadamente um «nicho de pedra com lavôr ornamental romano»(1), que hoje se encontra exposto no Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia de Lisboa. Estácio da Veiga afirma também que os descobrimentos que fez em Marim foram muito semelhantes aos de Ossónoba (2), ou melhor, como diríamos hoje, no Milreu, visto que tudo leva a crer que essa célebre cidade foi na região de Faro. E quanto a Marim, não deveria ter sido unicamente uma **villa** agrícola ou estação de repouso, pois tinha no seu extremo, junto ao mar, cetárias, que existiam também na área da actual cidade de Olhão, dado que quando aí edificaram o novo cinema, declarou-nos posteriormente um técnico da empresa que fez no local a terraplenagem, que tinha descoberto vários tanques de salga, em cujo número se encontraram, certamente, aqueles que o Dr. Alberto Iria estudou e a que várias vezes nos temos referido. Correspondiam todos esses tanques, **grosso modo**, a uma indústria de conserva de peixe, o **Garum**, que, em ânforas fabricadas na própria região, era exportado para vários pontos do Império Romano, inclusive para Roma, a capital.

Por outro lado, em 1786, segundo a **Gazeta de Lisboa**, n.º XLIII, de 27 de Outubro, foram achadas cem moedas de ouro do imperador Honório em alicerces e edifícios antigos, a que se refere a **Arqueologia Romana do Algarve**, da Dr.ª Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos Santos (3). Honório foi imperador de Roma nos anos de 393-423 (Baixo Império) (4). Embora o apogeu de Marim tivesse sido nos séculos II e III d. C., o aparecimento dessas moedas indica-nos que a referida **villa** ainda existia no século V e talvez com certa prosperidade, pois foi só no final do século VI que os Bizantinos, no desejo de reconstituírem o Império do Ocidente, tomaram uma larga faixa do Sul da Península, desde o cabo Dénia até Osónoba, «sendo a pouco e pouco desalojados pelos Visigodos». Em 624 toda a Península encontrava-se sujeita aos Visigodos (5).

Às ruínas de Marim referem-se, entre outros, o licenciado Henrique Fernando Sarrão, advogado da Corte e da Casa da Suplicação, na sua «História do Reino do Algarve», precioso manuscrito de cerca do ano de 1600, publicado nos **Cadernos da Revista de História Económica e Social**, n.º 3 (6).

Diz Sarrão que na quinta chamada «Torre de Marim» existiam «muitas antighalhas, de muitos mármores, com muitas letras; e junto dela está uma fonte d'água muito abundante». Talvez se trate da célebre fonte a que se encontra ligada a lenda de Marim, cantada em verso pelo poeta João Lúcio. Aliás, sem água não pode haver vida e a Quinta de Marim foi sempre fértil não só no tempo dos Romanos como ainda hoje.

Quem primeiro fez escavações na Quinta de Marim foi Estácio da Veiga, no século XIX. A citada obra **Arqueologia Romana do Algarve** dá-nos uma ideia exacta do que foram as mesmas. Seguiu-se Santos Rocha que levou para o Museu da Figueira da Foz, que fundou, muitas das inscrições romanas aí encontradas e outros objectos de valor arqueológico. Seguiu-se mais tarde Abílio Gouveia, de Olhão, que reuniu também vários objectos dessa estação romana, designadamente uma placa funerária dedicada a um tal escravo grego Crisanto, encontrada em 1929. As suas dimensões são: 1,15mx0,5m. Encontra-se hoje depositada na Biblioteca-Museu da Câmara Municipal de Olhão.

As investigações de Abílio Gouveia, grande apaixonado pelos assuntos de história e arqueologia, foram realizadas na altura que frequentávamos o antigo Liceu de Faro. Com vários colegas visitámos as referidas escavações, acompanhados pelos saudosos professores Tomás Moreno e Dr. Francisco Fernandes Lopes. Foi uma visita cultural muito proveitosa. Porém, como sempre tivemos muito interesse por castelos, torres e almenaras, fomos também nessa altura observar a vetusta Torre de Marim, mandada edificar pelo grande rei D. Dinis, a qual seria mais tarde objecto de dois estudos nossos: um publicado na revista do Instituto de Coimbra, **O Instituto**, e o outro, pronto a publicar, o qual foi lido numa palestra proferida no salão nobre da Câmara Municipal de Olhão, a convite do presi-

dente da extinta delegação regional da Associação dos Castelos, o saudoso grande arabista e historiador, docente da Universidade do Algarve, Dr. José Domingos Garcia Domingues, ilustre algarvio e dedicado amigo.

Na edificação dessa torre, que fica fronteira à barra grande de Olhão, foram utilizadas algumas pedras, como é óbvio, dessa estação arqueológica, pois na mesma torre, ainda não há muito tempo, se notava um pedaço de um fuste de coluna dessa origem. E tal não admira, dado que as estações arqueológicas foram sempre, infelizmente, óptimas pedreiras para a construção de edifícios. E como muitas foram e são arremeçadas para cima dos valados de pedra solta que lhes ficam juntos, alguns desses materiais fazem parte de colecções particulares e até se encontram em museus. São peças que se salvaram por este processo da destruição total. Nós mesmo temos provas concretas e até já nos têm oferecido peças de arqueologia que se encontravam em cima de alguns desses valados. Claro que temos que entrar com uma conscienciosa verificação *in loco*.

Entre os monumentos epigráficos da Quinta de Marim contam-se mais de quinze inscrições.

«A necrópole de Marim», escreve o Prof. José d'Encarnação na sua erudita dissertação de doutoramento, realizado na Universidade de Coimbra, «é de longe o caso mais significativo, dada a relativa abundância de monumentos (15, dos quais 7 estelas e 4 cupas), sua riqueza decorativa e as suas características textuais. Predominam as estelas de inscrição dupla, com frontão triangular decorado com rosáceas ou grinaldas: a moldura é múltipla mesmo no campo epigráfico, e frequentemente constituída por entrançados ou grinaldas de folhas» (7).

Posteriormente às descobertas arqueológicas anteriormente referidas, visitámos mais uma vez a Quinta de Marim, devidamente autorizados por quem representava os seus proprietários e deparámos com três monumentos epigráficos já muito danificados: uma base de coluna de boas proporções, de mármore azulado de tipo Trigaches, vários fustes de coluna em pedras de tons diferentes, etc., etc., tudo no montão das pedras que tinham sido extraídas na necrópole aí existente e de outros locais da Quinta, na altura dos trabalhos agrícolas.

Procedendo a uma recolha cuidada, levámos, com a devida autorização e com destino ao Museu Paroquial de Moncarapacho, algumas dessas peças, entre as quais três fragmentos de inscrições, acerca de duas delas seguidamente nos vamos debruçar no decorrer desta modesta comunicação.

O primeiro monumento epigráfico é de uma cupa dos séculos II ou III d. C., em calcário regional do tipo do calcário da Atalaia, da zona de Santo António do Alto, em Faro, que foi empregado posteriormente, durante séculos, na edificação de muitos pórticos das igrejas do Algarve, pedreira que deve estar hoje já esgotada.



Restos de uma cupa romana de Marim

A cupa tem uma espécie de quadro onde se encontra gravada a inscrição, circundada por uma espécie de corda em baixo-relevo.

Leitura	Interpretação
D. M. S.	D(iis) M(anibus) S(acrum)
LEONE	LEONE
.....N	Tradução:
.....	Consagrado aos Deuses Manes
Dimensões	LEÃO
Medidas gerais:	
0,21m x 0,19m	
Letras :	
16 mm	

É mais um nome a acrescentar a outros mencionados da Quinta de Marim. Era muito usado em Roma e houve até imperadores e outras figuras notáveis do império que o usaram.

Num dos topos da cupa, aquele que não se encontra danificada pelo ferro da charrua ou do tractor, está ornado com baixos-relevos. Sempre aquela tendência artística nas lápides de Marim que o Prof. José d'Encarnação indica nos seus estudos epigráficos.

Em segundo lugar temos uma placa funerária cristã, de mármore branco, fragmentada também.

Dimensões:
Medidas gerais:
0,10m x 0,50m
Letras: 25mm
Nela a única frase que se pode ler é a seguinte: IN PAC(E)
Tradução:
.....
EM PAZ
.....
(É a forma cristã: Descansa em Paz.)

Estácio da Veiga recolheu na Quinta de Marim as primeiras inscrições cristãs que surgiram, as quais foram posteriormente publicadas por Hübner».

Este fragmento encontrámo-lo à superfície do terreno e certamente outros fragmentos ou mesmo placas inteiras podem surgir numa boa escavação realizada no mesmo local.

Este e outros fragmentos de lápides cristãs indicam-nos que esta parte da Lusitânia teria sido evangelizada nos primeiros séculos do Cristianismo. Diz-se que foi por Santo Hesídio, que é tido como o fundador do Cristianismo no Algarve e seu primeiro pastor (9).



Fragmento de uma inscrição paleo-cristã de Marim

Além destas inscrições apareceu no decorrer dos trabalhos para a construção da nova ponte de Marim que veio substituir a que o bispo do Algarve Dom Francisco Gomes do Avelar mandou edificar, dedicada a S. Vicente, padroeiro do Algarve e de Lisboa, um cipo funerário, cujo estudo ficou a dever-se ao Dr. José António de Jesus Martins. Esse monumento funerário encontra-se exposto na Biblioteca-Museu da Câmara Municipal de Olhão.

A sua tradução é a seguinte: «Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Fábia, filha de Caio, de quarenta anos (...?). Que a Terra lhe seja leve» (10).

Pela localização do cipo a Norte da Estrada Nacional e em frente da Quinta de Marim e a não muita distância dela, faz-nos supor que nessa zona deverão existir mais vestígios romanos. Para já fomos informados que junto ao cipo apareceram lajes sem inscrições e algumas peças, que, certamente, deveriam ser romanas e que foram destruídas. E o próprio cipo esteve para sair do Algarve se não lhe acudissem a tempo. A localização do próprio cipo faz-nos lembrar a via romana que em muitos pontos coincidia com a actual estrada nacional, pois, como sabemos, era muito frequente as necrópoles encontrarem-se junto das vias, até para os que passavam se lembrarem dos que a morte tinha levado. Essa via passava por Balsa, Bias do Sul (onde foi descoberto o único marco miliário conhecido, com inscrição, das estradas romanas do Algarve, o qual depositámos no Museu Paroquial de Moncarapacho) e seguia para Ossónoba, na região de Faro (11).

Embora o itinerário de Antonino não se refira à **villa** ou povoação existente em Marim, tudo leva a crer que a via romana a atravessava. Aliás, o referido itinerário também não se refere a Bias e o marco lá se encontrava com a marcação de dez milhas.

Além de tudo isto na Quinta de Marim ainda existem à vista vários fustes de colunas e um tanque rectangular de 4 m. de comprimento por 2 m. de largura, junto do qual se encontra subterrado um forno de cerâmica, segundo nos informou o Sr. Luís Filipe Mendonça, que nos acompanhou nessa visita com o Sr. José da Silveira Lã. O referido tanque está feito com material de construção romano. E muitos outros vestígios da romanização aí existem, o que só uma escavação bem preparada poderá revelar em toda a sua latitude.

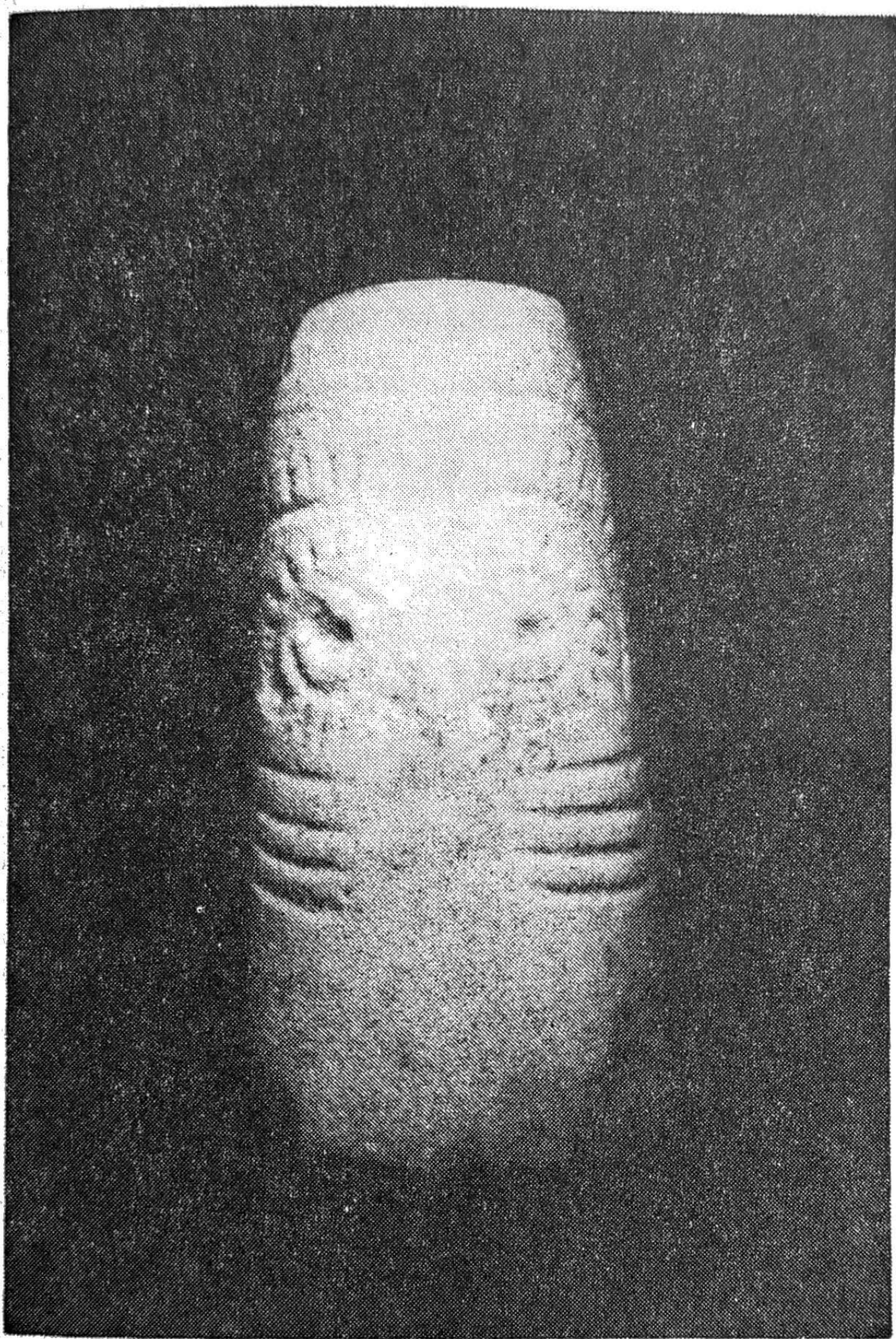
O sítio é aprazível, como o deveria já ter sido no tempo dos Romanos, e a histórica Quinta de Marim foi possuída por diversos cavaleiros fidalgos da monarquia portuguesa e fez parte do condado de Alte e Marim, da família Franca e Horta Machado, que ainda detém o referido título nobiliárquico. Não obstante, a Quinta de Marim é uma propriedade privada, hoje pertencente aos herdeiros do poeta João Lúcio.

2. MAIS UM ÍDOLO PRÉ-HISTÓRICO OCULADO E TATUADO DESCOBERTO EM MONCARAPACHO

São célebres os ídolos pré-históricos oculados e tatuados de Moncarapacho referidos por vários arqueólogos e historiadores (12). O Museu Arqueológico de Faro possui «um magnífico exemplar proveniente da aldeia de Moncarapacho, no concelho de Olhão. É de calcário branco e tem sido publicado umas vezes com indicação da sua proveniência exacta, outras vezes dando-o simplesmente como do Algarve» (12). E como o primeiro que apareceu foi em Moncarapacho, daí serem conhecidos até no estrangeiro por ídolos do tipo Moncarapacho. O do Museu Arqueológico de Faro tem a tatuagem com dois sulcos paralelos e o de Lisboa, também descoberto em Moncarapacho e existente no Museu Arqueologia e Etnografia, tem três sulcos e um outro de uma colecção particular tem quatro (14).

Ultimamente apareceu outro desses ídolos, em Moncarapacho, o qual nos foi oferecido por uma senhora que o encontrou na parte rural da mesma freguesia e que tem quatro sulcos paralelos. Este ídolo, que apresentamos em primeira mão, destina-se a um estudo mais completo a publicar posteriormente, sendo depois depositado no Museu Paroquial de Moncarapacho. É também em calcário, tem 10 cm de altura e 420 g. de peso. Falta-lhe apenas uma pequena lasca e o olho direito encontra-se um pouco puído por ter estado à superfície e, portanto, ter sido pisado no decorrer dos anos. Todavia, o ídolo tem muito interesse pelo que em si representa e ainda pelo local onde foi descoberto, o que a seu tempo será indicado com maior pormenor.

Estes ídolos foram tidos como pertencentes ao período neolítico e ao bronze mediterrânico, mas hoje está provado que pertencem ao calcolítico e como tal se encontra classificado, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, um dos ídolos de Moncarapacho, presentemente na Galeria de Exposição Permanente, na vitrina n.º 14, com a seguinte indicação que vem publicada no respectivo catálogo, que, com a devida vénia, se transcreve: «Ídolo oculado e com tatuagem facial, de Moncarapacho (Olhão) (vit. n.º 14). Cálcio. Calcolítico. Comprimento: 5,3 cm». E depois acrescenta: «Pequenas esculturas como esta, enigmáticas mas profundamente sugestivas no tratamento dos olhos», são próprias das comunidades que povoaram o Sul da Península Ibérica durante o Calcolítico. É possível interpretá-las como representações solares da «Deusa Mãe» ou de uma «Deusa dos Olhos»; no entanto, a sua evidente semelhança com os olhos das corujas permite também atribuir-lhes um significado nocturno e relacioná-las com o culto dos mortos (15). As imagens desta deusa, encontradas nas casas de habitação, conjugadas com a existência de edifícios exclusivamente religiosos, prova que o culto era doméstico» (16).



Parte anterior do ídolo de Moncarapacho



Parte posterior do mesmo ídolo

Por seu turno o Prof. Vergílio Correia afirma que «os cilindros representavam, como aliás as placas, uma divindade protectora e que cada indivíduo era inumado com um cilindro ou placa» (17).

Esses cilindros podem ser provenientes de túmulos megalíticos ou de túmulos de **tholos**.

Quanto às placas ídolos, também apareceu uma em Moncarapacho, já um pouco danificada, numa gruta funerária do Cerro da Cabeça, descoberta pelos rapazes do grupo de Arqueologia e Espeleologia local, agora infelizmente inactivo, que nos foi mostrada pelos respectivos achadores, de mistura com restos de ossos humanos, o que vem reforçar o que o Prof. Vergílio Correia afirma nos seus trabalhos de investigação arqueológica. É possível até que se tivessem descoberto mais placas do género, porém, só desta tivemos conhecimento.

Nota — Tomámos conhecimento posteriormente à elaboração desta comunicação que em Salir e na lezíria de Castro Marim foram encontrados dois ídolos tipo Moncarapacho, «desconhecendo-se o local exacto da sua recolha». Estes ídolos têm uma tatuagem com quatro sulcos paralelos, precisamente idêntica à do ídolo recolhido recentemente em Moncarapacho. O bem elaborado e documentado trabalho do Doutor Victor dos Santos Gonçalves, publicado em **Setúbal Arqueológica**, vol. IV, pp. 47-60, dá-nos uma ideia precisa sobre tão importante assunto da arqueologia.

3. NO TORREJÃO VELHO

Nesse lugar da freguesia de Pechão, do sítio de Belamandil, concelho de Olhão, estudado inicialmente por Estácio da Veiga, foram ultimamente descobertos monumentos romanos da **villa** ou povoação que aí floresceu.

As recentes descobertas foram as seguintes: um belo capitel coríntio de calcário, um fuste de coluna, que desapareceu, tijolos de quadrante de colunas laterícias. O capitel encontra-se depositado no Museu Paroquial de Moncarapacho.

Esses achados foram objecto de um estudo nosso que se encontra publicado no trabalho «Notas de arqueologia e história do Algarve». Posteriormente apareceu também no mesmo local e quase à superfície um torso de uma pequena estátua em mármore branco, talvez de Carrara vindo de Itália. Faltam-lhe, porém, a cabeça, os braços e as pernas. Representa uma pessoa do sexo masculino, talvez Cúpido, o deus do amor, que os Gregos designavam por **Eros**. Na **Pequena Monografia de Pechão**, da autoria do Sr. Francisco Guerreiro, vem uma referência a esse interessante achado arqueológico e o nome do proprietário do Torrejão, Sr. Alcindo Vale, onde o referido torso foi encontrado.

Ora todos estes valores monumentais que vão surgindo devem ser protegidos, estudados e depositados nos museus locais por forma que não se percam para sempre, pois são elementos sobre a vida do homem nestas paragens do sul do país, por onde vários povos passaram deixando vestígios da sua vida quotidiana. Por isso mesmo tais monumentos não devem, sempre que possível, sair do Algarve, onde esses povos viveram com as suas alegrias e tristezas. São marcos preciosos da sua civilização!

4. ADENDA SOBRE O ÍDOLO PRÉ-HISTÓRICO DE MONCARAPACHO

O exemplar do ídolo calcolítico por nós dado a conhecer e estudado no parágrafo dois deste trabalho, foi-nos oferecido pela senhora D. Ana C. Gonçalves Madeira, esposa do nosso amigo e antigo condiscípulo na instrução primária, senhor João Madeira, pelo que mais uma vez lhe apresentamos os nossos melhores agradecimentos.

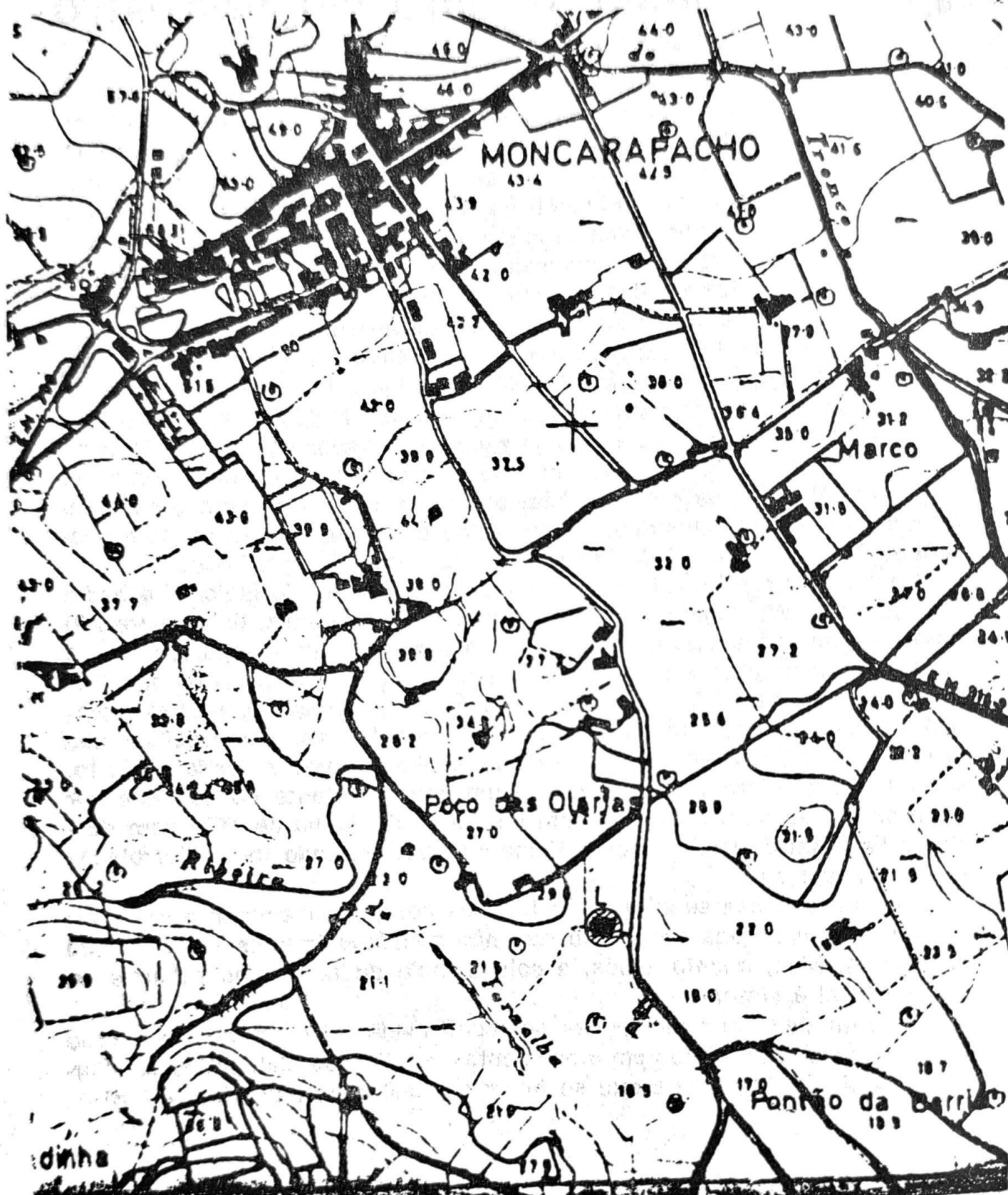
Foi o mesmo encontrado por essa senhora à superfície, numa deslocação accidental que fez ao local do achado, no caminho que limita a norte a fazenda da Barria, que pertenceu em tempos ao Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Dr. João José da Silva, natural de Moncarapacho, e que hoje pertence à família Horta, de Faro. E como lhe parecesse estranho tal achado, resolveu oferecê-lo para ser devidamente estudado e conservado, dado interessar-se pelos assuntos relacionados com a história da sua e nossa freguesia natal, embora não os estude especialmente. Já anteriormente ela nos tinha também oferecido, de acordo com o seu marido, um assador de chouriços muito antigo e original, em ferro, com destino ao Museu Paroquial de Moncarapacho, onde foi depositado.

No mapa da região, vai indicado o local onde o referido ídolo foi achado.

Posteriormente, fomos informados que, há muitos anos, tinha aparecido nesse mesmo caminho da Barria, junto a uma casa, uma sepultura, cujas ossadas o povo julgava serem de um oficial francês das invasões napoleónicas que tivesse ali falecido. A explicação dada baseava-se na passagem das tropas francesas por Moncarapacho, onde fizeram «mão baixa» nas preciosidades da Capela de Santo Cristo e não só, mas a Barria, onde foi encontrada a referida sepultura, fica um pouco distante do caminho por onde as tropas francesas passaram no dia 18 de Junho de 1808 com destino a Faro em direcção à Ponte Velha de Quelfes, onde foram derrotadas pelos portugueses.

Do achado dessa sepultura não tivemos porém conhecimento na altura em que a mesma apareceu, pelo que não podemos ir mais além do que afirmámos. Mas, quanto a nós, a coincidência de ambos os achados no mesmo local é sintomática.

É porém pena que não possa ser confirmada tal hipótese, pois «São muito raros os esqueletos em monumentos e sítios do Calcolítico em Portugal, particularmente nos que se ligam ao fenómeno megalítico» (18).



O lugar onde foi encontrado o ídolo está assinalado nesta carta geográfica com um círculo e à letra I.

Relacionados com o culto da **Deusa Mãe**, os ídolos eram colocados nas sepulturas do Calcolítico para proteger os mortos.

Talvez que os três ídolos idênticos, descobertos em Moncarapacho antes deste, tivessem aparecido na mesma zona da freguesia. É possível mas não se pode afirmar categoricamente. Como é também possível que existam aí sepulturas da mesma época por explorar, mas com tantas e tantas operações agrícolas que se têm feito recorrendo ao tractor, deve ser muito difícil localizá-las. No entanto, o alarme fica feito e, pela nossa parte, procuraremos estar atentos!

— Com a publicação desta adenda contendo novos elementos, o estudo do ídolo fica praticamente completo.

(1) Ataíde Oliveira, **Monografia do Concelho de Olhão**, Porto, 1906, p. 39.

(2) Idem, **ibidem**.

(3) Ob. cit., Braga, 1972, vol. II, p. 276.

(4) David R. Sear, **Roman Coins and Their Values**, Londres, 1970, pp. 346 - 347.

(5) Francisco Fernandes Lopes, **Do Algarve Bizantino**, Sep. de «Bracara Augusta», vol. IX, **Dicionário de Hist. de Portugal**, dir. Joel Serrão, vol. VI, pp. 334 - 337.

(6) **Duas Descrições do Algarve do Século XVI**, apresentação, leitura, notas e glossário de Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Romero Magalhães, 1.ª edição, 1983, Augusto Sá da Costa, Lda.

(7) Aut. cit., **Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Subsídios para o estado da Romanização**, Coimbra, 1984, parte II, pp. 841 - 842.

(8) Hübner, **Inscriptiones Lusitaniae aevi Christiani ineditae**, in o **Arch. Port.**, Lisboa, 1895, vol. I, pp. 178-9, referidas na **Arqueologia Romana do Algarve**, da Dr.ª Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos da Silva Pereira, vol. II, pp. 259-261.

(9) João Baptista da Silva Lopes, **Memórias para a História Eclesiástica do Bispado, do Algarve**, Lisboa, 1848, pp. 36-44.

(10) Aut. cit., «Ara Funerária Encontrada em Marim», **Boletim Municipal de Olhão**, n.º 4, Abril de 1986.

(11) J. Fernandes Mascarenhas, **Elementos de Arqueologia sobre o Algarve (Dos Romanos aos Árabes, na Zona Central da Província)**, 1967, pp. 7-25.

(12) Entre outros autores: José Leite de Vasconcellos, Vergílio Correia, Mário Lyster Franco, Aarão de Lacerda, Abel Viana, José Formosinho, O. da Veiga Ferreira, Afonso do Paço, Gonçalo Lyster Franco, Jorge Alarcão.

(13) Abel Viana, José Formosinho e O. da Veiga Ferreira, **Algumas no-**

tas sobre o Bronze Mediterrânico do Museu Regional de Lagos, separata de ZEPHYRVS, Salamanca, 1953, Seminário de Arqueologia de la Universidad, pp. 116-117.

(14) Afonso do Paço e Gonçalo Lyster Franco, «Ídolo cilíndrico de calcário, oculado, do Algarve», **Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia**, Lisboa, 1969, pp. 361-369.

(15) **Portugal das Origens à Época Romana**, Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, 1989, p. 45.

(16) **Lições de Pré-História** (Universidade de Coimbra), copigrafadas, p. 126. Na tábuia IV, entre as pp. 174-175, vem reproduzido, com o n.º 23, o ídolo de Moncarapacho (deve ser o que se encontra no Museu Arqueológico de Faro), com dois sulcos paralelos de tatuagem. As referidas lições colocam o cilindro de calcário de Moncarapacho (Algarve) na cultura pré-campaniforme.

(17) Aut. cit., **Obras - Estudos Arqueológicos**, 1972, vol. IV, p. 163.

(18) **Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa**: «Importantes descobertas arqueológicas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão), Noticiário», Vol. I, 1979, pp. 178 e 179.

As fotografias foram feitas na: PHOTOCÔR FÁRIA

ÍNDICE

	Págs.
Algumas palavras prévias	5
1. Na Quinta de Marim	7
2. Mais um Ídolo Pré-Histórico oculado e tatuado descoberto em Moncarapacho	14
3. No Torrejão Velho	18
4. Adenda sobre o Ídolo Pré-Histórico de Moncarapacho	19

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR

- O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII — Coimbra, 1942.
- A Herdade da Coroada e o Tratado das Terçarias de Moura — Lisboa, 1958.
- Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958 — Lisboa, 1959.
- Considerações sobre os factores educativo e económico no cooperativismo — Lisboa, 1969.
- S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da Colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa) — Lisboa, 1957.
- Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho — Lisboa, 1971.
- Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo — Faro, 1974.
- As Festas do Natal, Ano Bom e Reis do Algarve (Subsídios de etnografia e folclore) — Tavira, 1965.
- Chocué — Nome primitivo da cidade de Trigo de Morais e outros topónimos das principais localidades do distrito de Limpopo — Trigo de Morais, 1975.

POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

I

- D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira — Tavira, 1952.
- A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira — Tavira, 1954.
- O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios) — Tavira, 1954.
- Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios — Tavira, 1962.
- Elementos de Arqueologia sobre o Algarve — Tavira, 1967.
- Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve — Lourenço Marques, 1974.

A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real — Tavira, 1974.

Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa — Lisboa, 1978.

Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os judeus no Algarve — Faro, 1980.

A população de Moncarapacho no século XVI, livre e escrava, através de rois de confessados inéditos — Olhão, 1985.

O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua história), Olhão, 1986.

Estoi, Moncarapacho, S. Bartolomeu de Messines e outras Terras do Algarve nos Levantamentos contra o domínio Filipino — Faro, 1986.

II

Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria. (Novos Subsídios) — Olhão, 1987.

Notas de Arqueologia e História sobre o Algarve — Olhão, 1989.

Novas Descobertas Arqueológicas no Concelho de Olhão — Olhão, 1993.

Composto e impresso nas oficinas da
Tipográfica do Sul - Artes Gráficas, Lda.
— Vila Real de Santo António —
— 500 ex. — 2/93 —

CORRIGENDA

Página

11
11

linha

15
15

onde se lê

Num
danificada

deve ler-se

Um
danificado

SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

- 1 — **A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes** — por J. Fernandes Mascarenhas
- 2 — **António Henrique Cabrita, nadador prestigiado** — por Fernando Cabrita
- 3 — **O Poeta João Lúcio — Apontamento Biográfico** — por Antero Nobre
- 4 — **A População Olhanense — Sua Origem e Evolução** — por Antero Nobre
- 5 — **O Doutor Fernandes Lopes — Apontamento Bio-bibliográfico** — por Antero Nobre
- 6 — **O Centenário do Nascimento do Cônego Monsenhor Dr. António Baptista Delgado** — por D. Ernesto Gonçalves Costa
- 7 — **Grutas do Cerro da Cabeça — A «Gruta da Senhora», para possível aproveitamento turístico** — por um grupo de Jovens Espeleólogos
- 8 — **O Fenómeno da Simultaneidade em João de Deus** — por Fernando Cabrita
- 9 — **No Centenário do Nascimento do Dr. F. Fernandes Lopes** — por Mariana Amélia Machado Santos
- 10 — **Subsídios para uma Bibliografia Olhanense** — por Antero Nobre
- 11 — **A população de Moncarapacho no Século XVI, Livre e Escrava, Através de Rois de Confessados Inéditos** — por J. Fernandes Mascarenhas
- 12 — **O Bom Humor em João Lúcio** — por Fernando Cabrita
- 13 — **O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua História)** — por J. Fernandes Mascarenhas
- 14 — **Quem foi Sebastião Martins Mestre na História do Sotavento Algarvio)** — por Adérito Fernandes Vaz
- 15 — **Cronologia Geral da História de Olhão da Restauração** — por Antero Nobre
- 16 — **Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria** — por J. Fernandes Mascarenhas
- 17 — **Do Colete de Forças Fonógrafo — Achegas para a compreensão da obra do médico algarvio Bernardino Adolfo e Silva (1856-1916), «A música, sua influência e emprego terapêutico»** — por Manuel Cadafaz de Matos
- 18 — **Dos novos intelectuais — seguido de «Ai, Cultura»** — por Fernando Cabrita e Erika Castor Teixeira
- 19 — **Alguns Topónimos Algarvios** — por Adérito Fernandes Vaz
- 20 — **Doze olhanenses que muito honraram a sua terra** — por Antero Nobre
- 21 — **Descrevinções** — por Abúndio Martins
- 22 — **Esboço da personalidade de D. Maria Lizarda Palermo e o seu monumento** — por J. Fernandes Mascarenhas
- 23 — **Heróis Olhanenses de 1808** — por Antero Nobre
- 24 — **Notas de Arqueologia e História sobre o Algarve** — por J. Fernandes Mascarenhas
- 25 — **José Carlos da Maia** — por Danilo Barreiros
- 26 — **Levantamento Antropológico da Ilha da Culatra** — por Maria de Fátima Pedro de Jesus
- 27 — **Curiosidades da fala dos Pescadores Olhanenses** — por António Henrique Cabrita
- 28 — **Toponímia Tavirense na Península Ibérica e Além Atlântico** — por Adérito Vaz
- 29 — **Um Homem a quem Olhão muito deve** — Por Diversos.
- 30 — **Novas Descobertas Arqueológicas** — por J. Fernandes Mascarenhas